

O Diário de Anne Frank

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023

COPYRIGHT © ANNE FRANK - 1929 - 1945

**ESTA VERSÃO DO DIÁRIO DE ANNE FRANK ENCONTRA-SE
EM DOMÍNIO PÚBLICO**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**

Preparação **DIANA CORTEZ**

Revisão **BÁRBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **ARCHIVIO GBB | ALAMY STOCK PHOTO**

Imagens de miolo **ESB PROFESSIONAL, LASSEDESIGNEN, JAMAKOSY,
SHUTTERLIBRARY | SHUTTER STOCK; ANNE FRANK | DOMÍNIO PÚBLICO.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Frank, Anne, 1929-1945

O diário de Anne Frank / Anne Frank ; tradução de
Roberta Sartori. — São Paulo : Faro Editorial, 2023.
224 p.

ISBN 978-65-5957-271-7

Título original: The diary of a young girl

1. Frank, Anne, 1929-1945 2. Crianças judias no holocausto
– Narrativas pessoais 3. Holocausto judeu 4. Auschwitz
(Campo de concentração) I. Título II. Sartori, Roberta

23-0342

CDD-940.53492

Índice para catálogo sistemático:

1. Crianças judias no holocausto – Narrativas pessoais



1ª edição brasileira: 2023

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

Este livro vai mudar sua vida

Nascida em Frankfurt, Alemanha, Anne Frank é uma menina de origem judaica que ainda na primeira infância se muda com a família para a Holanda, fugindo da perseguição de Hitler aos judeus. Em junho de 1942, quando completa 13 anos, Anne ganha de presente um diário, que logo começa a escrever. Menos de um mês depois, o cenário para seus relatos perspicazes se torna absolutamente limitado. A família é obrigada a se mudar para um anexo à empresa do pai, um espaço incógnito que passam a dividir com a família do sócio do pai de Anne.

“O papel tem mais paciência do que as pessoas”, escreve Anne em um dos primeiros textos no diário. Até agosto de 1944, a menina faz confissões em seu caderno como se conversasse com uma grande amiga. Seus relatos alcançaram notoriedade no mundo inteiro e se tornaram uma das obras literárias mais importantes do século xx, já traduzida para mais de 70 idiomas e presença constante nas listas dos livros mais vendidos em todo o mundo, mesmo depois de quase 80 anos.

A relevância do *Diário* não pode ser atribuída apenas ao contexto em que ele é escrito. Também não está em algum suspense sobre o desfecho da protagonista: começamos a ler o livro cientes de que sua escrita é interrompida em agosto de 1944, quando os moradores do anexo são descobertos e levados para um campo de concentração.

O Holocausto matou mais de 6 milhões de judeus, mas é o relato particular de uma de suas vítimas que nos toca como número algum é capaz. O curto período de vida de Anne está longe de significar uma vida pequena. Ao escrever, a autora agigantou sua existência, tornando palpável a dimensão do absurdo. É o mergulho em sua história a oportunidade delicada, não de entender (racionalmente) o horror, mas de senti-lo em sua perspectiva humana. O grande legado de Anne é uma denúncia contundente sobre a desumanidade da Segunda Grande Guerra.

Não espere, no entanto, uma sequência de lamentações. A despeito do contexto extraordinário em que é escrito, o livro continua sendo o diário de uma adolescente. Uma adolescente com alma e estilo de cronista, diga-se de passagem. Sua trajetória de amadurecimento, paixões, descobertas, conflitos e dificuldades de relacionamento com a mãe e a irmã, assim como suas questões de autoestima, com um poder de observação e um sarcasmo fundamentais, tornam a narrativa original e envolvente. Não é incomum flagrar-se rindo de uma ou outra cena, contada pela protagonista sem a mínima dose de autocomiseração.

A convivência diária com o medo não impede o leitor de deparar com uma Anne generosa, observadora, divertida, crítica e surpreendentemente madura.

A autora consegue criar uma intimidade rara com o leitor, que dela se torna cúmplice e passa a sentir também o seu amor gigantesco pelo pai ou até mesmo a sensação de injustiça na relação com a mãe e a irmã. Sua narrativa consegue deslocar a realidade, do desumano para o insólito, da desilusão à esperança. Tudo isso sentimos junto com a autora, num exercício de identificação e empatia.

O *Diário* é um documento histórico sobre a Segunda Guerra. É o testemunho de uma adolescente sobre o horror de fugir da morte. Mas também pode ser lido como uma sequência de crônicas carregadas de ironia sobre a circunstância (que chega a ser hilária) de se dividir um parco espaço com outra família — onde a comida, os movimentos e o tom de voz tinham de ser calculados e medidos, sob o risco de ter o esconderijo descoberto. É também um livro sobre esperança, uma homenagem à inteligência, uma celebração do humor como estratégia de sobrevivência. Anne não é só uma menina judia fugindo do Holocausto. É uma escritora, com graça e estilo.

O *Diário* é a confirmação emocionante do poder da palavra como libertação psicológica de uma opressão irracional. Uma estratégia de sobrevivência para elaboração de uma realidade amarga demais para ser digerida. Um meio de tomar posse da própria história. Escrever é transcender a realidade, curar a alma, tornar eterna a existência.

O *Diário* é resistência poética à iminência da morte. Ensina também sobre a importância de se ter um destinatário — no caso, o próprio diário, que Anne decide chamar de Kitty. Acima de tudo, o *Diário* é um testemunho sobre a potência transformadora do limite. A dor de Anne se torna aprendizado, em primeiro lugar para si mesma, depois para cada leitor que por ali se aventurar. A grande obra de Anne é nos tocar com sua vida, personificar a dor e nos falar dela, em nome de outras seis milhões de pessoas.

“(…) suponho que, mais tarde, nem eu nem ninguém achará interesse nos desabafos de uma menina de 13 anos. Mas na realidade tudo isso não importa. Gosto de escrever e quero aliviar o meu coração de todos os pesos.” (20 de junho de 1942)

A adolescente que sonhava em ser jornalista e escritora também tinha planos para o seu diário, que pretendia transformar em livro, com o título *O Anexo*. “*Quero continuar a viver depois da minha morte. E por isso estou tão grata a Deus que me deu a possibilidade de desenvolver o meu espírito e de poder escrever para exprimir o que em mim vive.*”

Dias depois de a polícia invadir o “anexo”, o diário é encontrado por duas funcionárias da empresa, Miep e Elli. O pai de Anne, Otto Frank, único sobrevivente do “anexo”, o publica em 1947, realizando o sonho da filha.

Cris Paz — Escritora

12 de junho de 1942.

Eu espero poder contar tudo para você, como eu jamais pude contar para ninguém, e eu espero que você seja uma grande fonte de conforto e apoio.

COMENTÁRIO ACRESCENTADO POR ANNE EM 28 DE SETEMBRO DE 1942: Até aqui você tem realmente sido uma grande fonte de conforto para mim, assim como Kitty, para quem eu escrevo regularmente. Essa forma de manter um diário é muito mais agradável, e mal consigo esperar pelos momentos em que vou escrever em você. Ah, eu estou tão feliz por ter lhe trazido!

Domingo, 14 de junho de 1942.

Começarei do momento em que eu ganhei você, do momento em que eu o vi em cima da mesa, em meio aos meus outros presentes de aniversário. (Eu estava junto quando você foi comprado, mas isso não conta.)

Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas. Dá para entender porque não consegui ficar na cama, era o meu aniversário! Mas como não tenho permissão para me levantar nesse horário, tive que controlar a minha curiosidade até as quinze para as sete. Quando não pude mais esperar, fui para a sala de jantar, onde a Moortje (a gata) me recebeu esfregando-se nas minhas pernas.

Um pouco depois das sete, fui até o papai e a mamãe e, então, para a sala abrir meus presentes. Você foi o primeiro que eu vi, talvez um dos meus presentes mais bonitos. Tinha também um buquê de rosas, algumas peônias e um vaso de plantas. Do papai e da mamãe, ganhei uma blusa azul, um jogo, uma garrafa de suco de uva, que, para mim, tem

um gosto que mais parece vinho (afinal, vinho é feito de uva), um quebra-cabeça, um pote de *cold cream**, um pouco de dinheiro e um vale-presente para dois livros. Também ganhei o livro *Câmera Obscura* (mas a Margot já tem um, então troquei o meu por outro), uma travessa de biscoitos caseiros (que eu mesma fiz, claro, já que me tornei uma grande especialista em prepará-los), muitos doces e uma torta de morango da mamãe. E uma carta da vovó, que chegou na hora certa, mas é claro que foi só uma coincidência.

Depois, Hanneli veio me buscar e fomos para a escola. Na hora do recreio, distribuí biscoitos para meus professores e colegas, daí já era hora de voltar para a aula. Eu só cheguei em casa depois das cinco, pois fui à academia com o restante da turma. (Mas eu não posso participar, porque meus ombros e quadris tendem a se deslocar.) Como era o meu aniversário, pude decidir o que meus colegas iriam jogar e escolhi vôlei. Depois, todos eles fizeram um círculo ao meu redor e cantaram “Parabéns pra você”.

Quando cheguei em casa, Sanne Ledermann já estava lá. Ilse Wagner, Hanneli Goslar e Jacqueline van Maarsen vieram comigo depois da ginástica, pois somos da mesma turma. Hanneli e Sanne costumavam ser minhas duas melhores amigas. As pessoas que nos viam juntas falavam: “Lá vão Anne, Hanne e Sanne”. Só conheci Jacqueline van Maarsen quando comecei a estudar no Liceu Judaico e, agora, ela é minha melhor amiga. Ilse é a melhor amiga de Hanneli, e Sanne vai para outra escola e fez amigos por lá.

Elas me presentearam com um livro lindo, o *Dutch Sasas and Lesends*, mas me deram o volume II por engano, então eu troquei outros dois livros pelo volume I. A tia Helene me trouxe um quebra-cabeça; a tia Stephanie, um broche encantador; e a tia Leny, um livro maravilhoso: *Daisy goes to the mountains* [*Daisy vai para as montanhas*].

Esta manhã, estava na banheira pensando em como seria maravilhoso se eu tivesse um cachorro como Rin Tin Tin. Eu também iria chamá-lo com esse mesmo nome e o levaria para a escola comigo, onde poderia ficar na sala do zelador ou perto dos bicicletários quando o tempo estivesse bom.

Segunda, 15 de junho de 1942.

A minha festa de aniversário foi no domingo à tarde. O filme do Rin Tin Tin fez sucesso com os meus colegas. Ganhei dois broches, um marcador de livros e dois livros. Vou começar dizendo algumas coisas sobre a minha escola e minha turma, iniciando pelos alunos.

Betty Bloemendaal parece ser meio pobre e acho que provavelmente seja. Ela mora em uma rua desconhecida na área oeste de Amsterdã, nenhuma de nós sabe onde fica. Ela vai muito bem na escola, mas é porque estuda bastante, não porque seja inteligente. É bem quieta.

* *Cold cream*: creme indicado para peles ressecadas. Além de ser hidratante, é regenerador, entre tantos outros benefícios.

Jacqueline van Maarsen supostamente foi a minha melhor amiga, mas eu nunca tive uma amiga de verdade. No começo, pensei que Jacque pudesse ser, mas me enganei. D.Q. é uma garota muito nervosa, que está sempre esquecendo as coisas, então os professores ficam passando lição de casa extra para ela como castigo. Ela é muito gentil, especialmente com G.Z. Já a E.S. fala tanto que deixa de ser engraçado. Quando ela pergunta alguma coisa para alguém, está sempre mexendo no cabelo ou nos botões da pessoa. Dizem que ela não me suporta, mas eu não ligo, já que eu também não gosto muito dela.

Henny Mets é uma garota legal, com um jeito alegre, só que fala muito alto e fica muito infantil quando brincamos ao ar livre. Infelizmente, ela tem uma amiga chamada Beppy que é uma má influência, porque é suja e vulgar. Sobre a J.R. eu poderia escrever um livro inteiro. É uma fofoqueira insuportável, dissimulada, arrogante de duas caras, que se acha muito adulta. Ela enfeitiçou mesmo a Jacque, o que é uma pena. J. se ofende por nada, cai no choro pela menor coisa e, ainda por cima, é uma tremenda exibida. A senhorita J. acha que está sempre certa. Ela é muito rica e tem um armário cheio de vestidos encantadores, que são adultos demais para alguém da idade dela. Ela se acha linda, mas não é. Eu e J. não nos suportamos.

Ilse Wagner é uma garota legal com um jeito alegre, mas é extremamente mimada e pode passar horas se lamuriando e choramingando por alguma coisa. Ilse gosta muito de mim. Ela é muito inteligente, mas preguiçosa.

Hanneli Goslar (ou Lies, como a chamam na escola) é meio estranha. No geral, é tímida e reservada perto de outras pessoas, mas sem rodeios em casa. Tudo o que você fala, ela conta para a mãe. Mas diz o que pensa e, ultimamente, passei a admirá-la muito.

Nannie van Praag-Sigaar é pequena, engraçada e sensível. Eu a acho gentil. Ela é muito inteligente. Não há muito mais o que se possa dizer sobre Nannie. Eefje de Jong é fantástica na minha opinião. Apesar de ter apenas doze anos, é uma verdadeira dama. Ela age como se eu fosse um bebê. É também muito prestativa e eu a admiro muito.

G.Z. é a garota mais bonita da nossa turma. Ela tem um rosto lindo, mas é meio burra. Acho que eles farão com que ela repita o ano, mas é claro que eu não disse isso a ela.

.....
COMENTÁRIO, MAIS TARDE, ADICIONADO POR ANNE: Para minha grande surpresa, no final das contas, G.Z. não repetiu de ano.

E, sentada ao lado de G.Z., está a última de nós doze, eu.

Há muito a ser dito sobre os garotos. Pensando bem, nem tanto. Maurice Coster é um dos meus muitos admiradores, mas, basicamente, uma peste. Sallie Springer tem uma mente suja e dizem por aí que ele já foi até o final. Ainda assim, eu o acho excelente porque ele é muito engraçado.

Emiel Bonewit é encantado pela G.Z., mas ela não está nem aí. Ele é bem chato. Rob Cohen também foi apaixonado por mim, mas eu não aguento mais ele. É um patetinha insuportável,

duas caras, mentiroso e choramingão, que simplesmente se acha o máximo. Max van de Velde é um menino do campo de Medemblik, mas muito querido, como diria a Margot.

Herman Koopman também tem uma mente suja, bem como Jopie de Beer, que é um paquerador, absolutamente louco por garotas.

Leo Blom é o melhor amigo de Jopie de Beer, mas foi estragado por sua mente suja.

Albert de Mesquita veio da Escola Montessori e pulou uma série. Ele é bem inteligente.

Leo Slager veio da mesma escola, mas não é tão inteligente.

Ru Stoppelmon é um menino baixinho e bobão de Almelo, que foi transferido para esta escola no meio do ano.

C.N. só faz o que não deve.

Jacques Kocernoot senta-se atrás de nós (G. e eu), perto de C., e nós sempre estamos rindo.

Harry Schaap é o garoto mais decente da nossa classe. Ele é legal.

Werner Joseph também, mas todas as mudanças que estão acontecendo ultimamente fizeram com que ele se tornasse muito quieto, por isso ele parece chato. Sam Salomon é um daqueles valentões da parte ruim da cidade. Uma verdadeira peste. (Um admirador!) Appie Riem é bem ortodoxo, mas uma peste também.

Sábado, 20 de junho de 1942.

Escriver em um diário é uma experiência muito estranha para alguém como eu. Não apenas porque nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que, mais tarde, eu nem ninguém mais vai se interessar pelos pensamentos de uma garota de treze anos. Bem, não tem problema. Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de abrir meu coração.

“O papel tem mais paciência do que as pessoas.” Pensei nessa frase em um daqueles dias em que eu me sentia um pouco deprimida e estava sentada em casa, com o queixo apoiado nas mãos, entediada e sem vontade de nada, imaginando se deveria ficar ou sair. Por fim, fiquei onde eu estava, pensando. É, o papel tem mais paciência e, já que não estou planejando deixar ninguém ler este caderno de capa dura que solenemente chamamos de “diário”, a menos que eu encontre um amigo de verdade, provavelmente não vai fazer a menor diferença. Agora voltei ao ponto que me fez começar a escrever um diário: eu não tenho um amigo.

Vou ser mais clara, já que ninguém vai acreditar que uma menina de treze anos esteja completamente sozinha no mundo, e não estou. Eu tenho pais amorosos, uma irmã de dezesseis anos e umas trinta pessoas que posso chamar de amigos. Tenho muitos admiradores que não conseguem tirar seus olhos de mim e, às vezes, recorrem a um espelho de bolso quebrado para tentar me ver na sala de aula. Tenho uma família, tias amorosas e um bom lar. À primeira vista, eu pareço ter tudo, exceto um único amigo de verdade. Quando estou com a turma, só penso em me divertir. Não consigo falar em nada, além de coisas comuns do dia a dia. Parece

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Anne Frank

CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM FEVEREIRO DE 2023